

A EXPANSÃO ESPACIAL DA ESPOROTRICOSE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: UMA QUESTÃO DE SAÚDE ÚNICA

4º Encontro Nacional de Epidemiologia Veterinária, 4ª edição, de 19/07/2022 a 21/07/2022
ISBN dos Anais: 978-65-81152-81-9

FERREIRA; Victória Catharina Dedavid¹, TASSINARI; Wagner de Souza², PEREIRA; Sandro Antonio³

RESUMO

Sub-área: D5 - One Health (interface animal-humano-ambiente) / Doenças zoonóticas emergentes A Expansão Espacial da Esporotricose na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: uma Questão de Saúde Única

Victória Catharina Dedavid Ferreira^a, Wagner de Souza Tassinar^a, Sandro Antonio Pereira^b

^aPrograma de Pós-Graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro-RJ.
^bLaboratório de Pesquisa Clínica em Dermatozoonoses em Animais Domésticos, Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro-RJ. A esporotricose é uma micose de implantação causada pelos fungos do gênero *Sporothrix*. Atualmente ocorre uma hiperendemia da doença no estado do Rio de Janeiro, relacionada a transmissão zoonótica por gatos infectados. A esporotricose humana e a animal passaram a ser de notificação compulsória no estado em 2013 e 2014, respectivamente. Este trabalho teve como objetivo investigar o perfil das infecções de esporotricose nas duas populações e sua distribuição espacial de 2013 a 2020 utilizando os dados provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). Foram analisados 9.552 casos suspeitos de esporotricose humana e 13.469 casos suspeitos de esporotricose animal notificados à Secretaria do Estado de Saúde do Rio de Janeiro. A proporção de casos confirmados foi maior entre os humanos (80,4%) do que nos animais (30,3%). Nos humanos, os grupos mais acometidos foram mulheres (63,8%) e pessoas na faixa etária de 40 a 59 anos (36,3%). Nos animais, os gatos (97%) foram mais acometidos em relação aos cães, e o domicílio (99,2%) foi o principal ambiente de ocorrência relatado. Esse perfil é condizente com a mudança epidemiológica da esporotricose no Rio de Janeiro descrita na literatura. No âmbito espacial, foram analisados os valores de incidência de casos humanos e da razão de casos animais pela população humana, nos bairros da capital e subdistritos dos demais municípios ao longo dos anos. Foi possível corroborar a manutenção do “cinturão da esporotricose”, composto pelos bairros da zona oeste da capital e municípios limítrofes, e constatar sua expansão, principalmente para favelas da zona sul da capital, para subdistritos ao norte de Nova Iguaçu e em Japeri, e no município de Maricá, no extremo leste da região. Os casos animais se concentraram próximos de centros públicos de atendimento veterinário e houve divergência com a incidência dos casos humanos em algumas regiões. Concluiu-se que ainda há muitas limitações na vigilância da esporotricose, principalmente animal, envolvendo diagnóstico, notificação e investigação. Porém, foi possível atualizar a situação da esporotricose na região, avaliar dados da vigilância oficial da doença e comparar a distribuição espacial entre casos humanos e animais, de forma a evidenciar a necessidade de medidas de Saúde Única no combate à esporotricose. **Palavras-chave:** Esporotricose humana; Esporotricose Animal; Distribuição Espacial; Saúde Única. **Agências de Fomento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

PALAVRAS-CHAVE: Esporotricose humana, Esporotricose Animal, Distribuição Espacial, Saúde Única

¹ Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, ENSP/Fiocruz , victoriadedavid@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, ENSP/Fiocruz , tassinar@ufrj.br

³ Laboratório de Pesquisa Clínica em Dermatozoonoses em Animais Domésticos, INI/Fiocruz, sandro.pereira@ini.fiocruz.br

